

Coleção coordenada por
Florestan Fernandes

1. **DURKHEIM**
José Albertino Rodrigues
2. **FEVRE**
Célio Guilherme Mota
3. **RADCLIFFE-BROWN**
Julio Cezar Melatti
4. **KÖHLER**
Arno Engelmann
5. **LENIN**
Florestan Fernandes
6. **KEYNES**
Tamás Szmeccsányi
7. **COMTE**
Evaristo da Moraes Filho
8. **RANKE**
Sérgio B. de Holanda
9. **VARNIAGEN**
Niilo Odalla
10. **MARX (Sociologia)**
Octavio Ianni
11. **MAUSS**
Roberto C. de Oliveira
12. **PAVLOV**
Isaias Pessotti
13. **WEBER**
Gabriel Cohn
14. **DELLA VOLPE**
Wilson J. Pereira
15. **HABERMAS**
Barbara Freitag e
Sérgio Paulo Rouanet
16. **KALECKI**
Jorge Miglioli
17. **ENGELS**
José Paulo Netto
18. **OSKAR LANGE**
Lenina Pomeranz
19. **CHE GUEVARA**
Eder Sader
20. **LUKACS**
José Paulo Netto
21. **GODELIER**
Edgard de Assis Carvalho
22. **TROTSKI**
Oriando Miranda
23. **JOAQUIM NABUCO**
Paula Beiguelman
24. **MALTHUS**
Tamás Szmeccsányi
25. **MANNHEIM**
Marilice M. Foracchi
26. **CAIO PRADO JR.**
Francisco Iglésias
27. **MARIATEGUI**
Manoel L. Bellotto e
Anna Maria M. Corrêa
28. **DEUTSCHER**
Júarez Brandão Lopes
29. **STALIN**
José Paulo Netto
30. **MAO TSE-TUNG**
Eder Sader
31. **MARX (Economia)**
Paul Singer
32. **MELANIE KLEIN**
Fábio A. Herrmann e
Amazonas A. Lima
33. **CELSO FURTADO**
Francisco de Oliveira

301
G752
v 36
3 ed/0 2

Karl marx, friedrich engels :



21000033311

K. Marx F. Engels

Organizador: Florestan Fernandes

HISTÓRIA

3.ª edição

SBD/FFLCH

TOMBO. : 83016



SBD-FFLCH-USP

BIBLIOTECA DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS SOCIAIS

ea
editora ática

3. K. MARX: O "COUP DE MAIN" DE LUÍS BONAPARTE *

A *República social* apareceu como palavreado, como profecia, no limiar da Revolução de Fevereiro. Nos dias de junho de 1848, ela foi afogada no sangue do *proletariado parisiense*, mas ronda, como fantasma, os atos subseqüentes do drama. A *República democrática* se anuncia. Ela dá em nada, a 13 de junho de 1849, com a sua *pequena-burguesia* correndo, mas que, na fuga, solta palavras de ordem duplamente renomadas. A *República parlamentar*, com a burguesia, apodera-se de todo o palco, goza a vida em toda a sua plenitude, mas o 2 de dezembro de 1851 enterra-a debaixo do grito de terror dos monarquistas coligados: "Viva a República!"

A burguesia francesa levantou-se contra o domínio do proletariado trabalhador, levou o lumpen-proletariado ao governo tendo à frente o chefe da Sociedade de 10 de Dezembro. A burguesia mantinha a França sem respirar, em pânico ante os futuros horrores da anarquia vermelha; Bonaparte descontou-lhe esse futuro quando, a 4 de dezembro, deixou que os eminentes burgueses do Boulevard Montmartre e do Boulevard des Italiens fossem fuzilados em suas janelas pelo exército da ordem inspirado pela pinga. Ela, a burguesia, fazia a apoteose do sabre; o sabre a domina. Ela aniquilou a imprensa revolucionária; a sua própria imprensa é aniquilada. Ela colocou as reuniões populares sob vigilância policial; os seus salões estão sob vigilância da polícia. Ela dissolveu as

Guardas Nacionais democráticas; a sua própria Guarda Nacional é dissolvida. Ela impôs o estado de sítio; o estado de sítio é-lhe imposto. Ela substituiu os júris por comissões militares; seus júris são substituídos por comissões militares. Ela submeteu a educação pública aos padrecos; os padrecos submetem-na à educação deles mesmos. Ela deportava sem julgamento; sem julgamento ela é deportada. Ela reprimiu qualquer manifestação da sociedade através do poder do Estado; qualquer manifestação de sua sociedade é reprimida pelo poder do Estado. Por amor à sua própria bolsa de dinheiro, ela rebelou-se contra os seus políticos e literatos; seus políticos e literatos são postos de lado, mas a sua bolsa de dinheiro é assaltada depois de sua boca ter sido amordaçada e sua pena ter sido quebrada. A burguesia gritava incansavelmente para a revolução como Santo Arsênio para os cristãos: "Fuge, tace, quiesce! Foge, cala, sossega!" Bonaparte grita para a burguesia: "Fuge, tace, quiesce! Foge, cala, sossega!"

A burguesia francesa já tinha, há muito, resolvido o dilema de Napoleão: "Dans cinquante ans l'Europe sera républicaine ou cosaque." ["Em 50 anos a Europa será republicana ou cossaca."] Tinha-o resolvido com a "république cosaque" [república cossaca]. Nenhuma Circe, através de maldosa magia, metamorfoseou a obra de arte da República burguesa em um monstro. Essa República nada perdeu senão a aparência de respeitabilidade. A França atual já estava contida inteirinha na República parlamentar. Só faltava um golpe de baioneta para que a bolha rebentasse e o monstro saltasse aos olhos.

Por que o proletariado de Paris não se sublevou depois de 2 de dezembro?

A queda da burguesia apenas havia sido decretada; o decreto ainda não tinha sido executado. Qualquer insurreição séria do proletariado a teria revitalizado, reconciliado com o exército e assegurado aos trabalhadores uma segunda derrota de junho.

A 4 de dezembro, o proletariado foi incitado à luta por Bourgeois [burgueses] e Épicier [vendeiros]. Naquela noite, várias legiões da Guarda Nacional prometeram aparecer, armadas e uniformizadas, no local da luta. Burgueses e vendeiros tinham aferido que, num de seus decretos de 2 de dezembro, Bonaparte abolia o voto secreto e ordenava que, ao lado de seus nomes, marcassem Sim ou Não nos registros oficiais. A resistência de 4 de dezembro intimidou Bonaparte. Durante a noite, mandou colocar cartazes em todas as esquinas de Paris, anunciando a restauração do voto secreto. Burguês e vendeiro acreditava ter alcançado seu objetivo. Quem não apareceu na manhã seguinte foi o vendeiro e o burguês.

Através de um golpe desfechado durante a noite de 1 para 2 de dezembro, o proletariado parisiense foi despojado de seus dirigentes, os chefes das barricadas. Exército sem oficiais, avesso a lutar sob a

* Reproduzido de MARX, K. *Der achtzehnte Brumaire des Louis Bonaparte (O 18 Brumário de Luís Bonaparte)*. In: MARX, K. e ENGELS, F. *Ausgewählte Werke*. 9. ed. Berlim, Dietz Verlag, 1981. v. II, cap. VII, p. 402-17. Traduzido por Flávio R. Kothe.

bandeira dos montanhenses devido às recordações de junho de 1848 e 1849 e maio de 1850, deixou para a sua vanguarda, as organizações secretas, a salvação da honra insurrecional de Paris, a Paris que a burguesia abandonava sem qualquer resistência à soldadesca, de modo que Bonaparte mais tarde pôde desarmar a Guarda Nacional com o zombeteiro pretexto de que: ele temia que as armas dela fossem voltadas contra ela pelos anarquistas!

"*C'est le triomphe complet et définitif du socialisme!*" ["*É o triunfo completo e definitivo do socialismo!*"] Assim Guizot caracterizou o 2 de dezembro. Mas se a queda da República parlamentar contém em si o germe do triunfo da revolução proletária, o seu resultado imediato e palpável era a vitória de Bonaparte sobre o Parlamento, do Poder Executivo sobre o Poder Legislativo, do poder sem fraseio sobre o poder do fraseado. No Parlamento, a nação transformou em lei a sua vontade geral, isto é, a lei da classe dominante em sua vontade geral. Ante o Poder Executivo, renuncia a toda vontade própria e se submete aos ditames do estranho, da autoridade. O Poder Executivo em antítese ao Legislativo expressa a heteronomia da nação em antítese à sua autonomia. A França parece, portanto, apenas ter escapado ao despotismo de uma classe para recair no despotismo de um indivíduo e, até mesmo, sob a autoridade de um indivíduo sem autoridade. A luta parece escoar-se de tal modo que todas as classes se ajoelham diante do fuzil, igualmente impotentes e igualmente mudas.

Mas a Revolução é radical. Ela ainda está em viagem pelo Purgatório. Ela faz o seu negócio com método. Até 2 de dezembro de 1851, ela tinha concluído uma metade de sua propedêutica; agora ela cumpre a outra. Primeiro aperfeiçoou o Poder Parlamentar, para poder derrubá-lo. Agora que o conseguiu, aperfeiçoa o Poder Executivo, o reduz à sua expressão mais simples, isola-o, coloca-se como única objeção, para poder concentrar todas as suas forças de destruição contra si. E quando ela tiver concluído esta segunda metade de sua propedêutica, a Europa há de saltar de seu assento e exclamar: belo buraco, ó brava toupeira!

Esse Poder Executivo, com sua monstruosa organização burocrática e militar, com sua maquinaria estatal engenhosa e multifacetária, um exército de funcionários de meio milhão ao lado de um exército de outro meio milhão, esse tremendo corpo de parasitas que se enrola, como uma rede-pele [Netzhaut], em torno do corpo da sociedade francesa e obstrui todos os seus poros, surgiu na época da monarquia absoluta, com o declínio (que ele ajudou a apressar) do ente feudal. Os privilégios senhoriais dos proprietários de terras e cidades transformaram-se em outros tantos atributos do poder estatal, os dignitários feudais em funcionários pagos e o colorido cardápio dos antagonísticos poderes medievais absolutos no plano regulamentado de um poder estatal, cujo

trabalho é dividido e centralizado como numa fábrica. A primeira revolução francesa, com sua tarefa de quebrar todos os especiais poderes locais, territoriais, urbanos e provinciais para estabelecer a unidade burguesa da nação, tinha de desenvolver o que a monarquia absoluta havia começado: a centralização, mas, ao mesmo tempo, o âmbito, os atributos e os agentes do poder governamental. Napoleão aperfeiçoou essa maquinaria estatal. A Monarquia Legítima e a Monarquia de Julho nada acrescentaram, senão uma maior divisão do trabalho, que crescia na mesma proporção que a divisão de trabalho dentro da sociedade civil criava novos grupos de interesses, portanto novo material para a administração do Estado. Todo interesse *comunitário* foi logo cortado da sociedade, foi-lhe contraposto um interesse mais elevado, mais *universal*, arrancado da atividade autônoma dos membros da sociedade e transformado em objeto da atividade do governo, desde a ponte, o prédio da escola e a propriedade comunal de uma associação de aldeia, até as ferrovias, o tesouro nacional e a universidade da França. Finalmente, a República parlamentar viu-se, em sua luta contra a revolução, obrigada a reforçar, com as medidas repressivas, os recursos e a centralização do poder governamental. Todas as revoluções aperfeiçoaram essa máquina, ao invés de destruí-la. Os partidos, que se rinhavam alternadamente em torno da hegemonia, encaravam a tomada de posse desse monstruoso edifício estatal como o principal espólio do vencedor.

Mas sob a monarquia absoluta, durante a primeira revolução, sob Napoleão, a burocracia era apenas o meio de preparar o domínio de classe da burguesia. Sob a Restauração, sob Luís Filipe, sob a República parlamentar, ela era o instrumento da classe dominante, por mais que almejassem poder autônomo.

Somente sob o segundo Bonaparte, o Estado parece ter-se autonomizado completamente. A máquina do Estado consolidou-se de tal modo diante da sociedade civil que basta ter à sua frente o chefe da Sociedade de 10 de Dezembro, um aventureiro vindo de fora, glorificado por uma soldadesca embriagada que ele comprou com pinga e salsichas, para a qual ele precisa atirar sempre de novo a salsicha. Daí o mesquinho desalento, o sentimento da humilhação mais monstruosa que oprime o peito da França e lhe corta a respiração. Ela se sente como que desonrada.

E, no entanto, o poder estatal não paira no ar. Bonaparte representa uma classe, e justamente a classe mais numerosa da sociedade francesa, os *pequenos camponeses* [Parzellenbauern].

Assim como os Bourbons são a dinastia da grande propriedade territorial e os Orléans a dinastia do dinheiro, os Bonapartes são a dinastia dos camponeses, isto é, a massa do povo francês. Não o Bonaparte que se curvou ao Parlamento burguês, mas o Bonaparte que dis-

solveu o Parlamento burguês, este é o escolhido dos camponeses. Por três anos as cidades conseguiram falsificar o sentido das eleições de 10 de dezembro e enganar os camponeses quanto à restauração do Império. A eleição de 10 de dezembro de 1848 só se completou com o coup d'état [golpe de Estado] de 2 de dezembro de 1851.

Os pequenos camponeses constituem uma massa monstruosa, cujos membros vivem na mesma situação, mas sem entrarem em múltipla relação entre si. Seu modo de produção isola-os uns dos outros, ao invés de levá-los a um intercâmbio mútuo. O isolamento é aumentado pelos péssimos meios de comunicação franceses e pela pobreza dos camponeses. Seu campo de produção, a pequena propriedade [Parzelle], não permite qualquer divisão de trabalho, nenhuma aplicação de métodos científicos, portanto nenhuma diversidade de desenvolvimento, nenhuma variedade de talento, nenhuma riqueza de relações sociais. Cada família camponesa individual quase basta a si mesma, produz imediatamente ela mesma a maior parte do seu consumo e consegue, assim, os seus meios de subsistência mais em trocas com a natureza do que em intercâmbio com a sociedade. A pequena propriedade, o camponês e a família; ao lado, outra pequena propriedade, outro camponês e outra família. Uma ninhada disso constitui uma aldeia, e uma ninhada de aldeias constitui um departamento. Assim, a grande massa da nação francesa é formada através da simples adição de grandezas homólogas; assim como batatas em um saco formam um saco de batatas. A medida que milhões de famílias vivem sob condições existenciais-econômicas que separam o seu modo de vida, seus interesses e sua formação cultural das outras classes e os antepõem hostilmente, elas constituem uma classe. À medida que entre os pequenos camponeses existe apenas uma conexão local e a mesmidade de seus interesses não cria entre eles nenhuma comunidade, nenhuma ligação nacional e nenhuma organização política, eles não constituem uma classe. São, por isso, incapazes de impor o seu interesse de classe em seu próprio nome, seja através de um Parlamento, seja através de uma convenção. Eles não conseguem representar-se, precisam ser representados. Ao mesmo tempo, seu representante precisa aparecer como o seu senhor, como uma autoridade acima deles, como um poder governamental ilimitado que os proteja das outras classes e, do alto, lhes mande sol e chuva. A influência política dos pequenos camponeses encontra, portanto, a sua expressão última no fato de que o poder executivo submeta a si a sociedade.

Através da tradição histórica originou-se a crença miraculosa dos camponeses de que um homem chamado Napoleão lhes traria de volta toda a glória. E encontrou-se um homem que se fez passar por esse homem porque ostenta o nome Napoleão em decorrência do Code Napoléon [Código Napoleônico]: "La recherche de la paternité est interdite" ["É interdita a pesquisa da paternidade."] Depois de vinte anos de vagabundagem e uma série de aventuras grotescas, completou-se a

saga e o homem se torna imperador dos franceses. A idéia fixa do sobrinho se torna realidade porque coincidia com a idéia fixa da classe mais numerosa dos franceses.

Mas, há de se me objetar, e os levantes camponeses na metade da França, as caçadas planejadas do exército contra os camponeses, a prisão e deportação em massa de camponeses?

Desde Luís XIV, a França não vivenciou nenhuma perseguição semelhante de camponeses "por intrigas demagógicas".

Mas que se entenda bem. A dinastia Bonaparte representa não o camponês revolucionário, mas o conservador; não o camponês que luta por ultrapassar a sua condição de existência, a pequena propriedade, mas aquele que, muito mais, quer consolidá-la; não a população rural que, ligada às cidades, quer derrubar a velha ordem através de seus próprios esforços, mas, pelo contrário, aquela que, pesadamente amarrada a essa velha ordem, quer, junto com a sua pequena propriedade, ver-se salva e privilegiada pelo fantasma do Império. Ela não representa o iluminismo, mas a superstição do camponês; não o seu conceito, mas o seu preconceito; não o seu futuro, mas o seu passado; não a sua moderna Cévennes¹, mas a sua moderna Vendée².

Os três anos de duro domínio da República parlamentar tinham libertado uma parte dos camponeses franceses da ilusão napoleônica e os revolucionado, ainda que apenas superficialmente; mas a burguesia reprimiu-os violentamente sempre que se punham em movimento. Sob a República parlamentar, rinham-se a consciência moderna e a tradicional dos camponeses franceses. O processo desenrolou-se sob a forma de uma luta contínua entre os mestres-escolas e os padrecos. A burguesia derrotou os mestres-escolas. Pela primeira vez, os camponeses fizeram esforços para se comportarem autonomamente em relação à atividade do governo. Isso apareceu no conflito entre os Maires³ [alcaides eleitos] e os prefeitos nomeados. A burguesia depôs os "maires". Finalmente, durante o período da República parlamentar, os camponeses de diversas localidades levantaram-se contra a sua própria cria ruim, o Exército. A burguesia puniu-os com estados de sítio e execuções. E essa mesma burguesia grita agora quanto à estupidez das massas, a vile multitude [vil multidão] que a teria traído em favor de Bonaparte. Ela mesma consolidou à força o imperialismo da classe camponesa, manteve as

¹ Nos Montes Cévennes, ao Sul da França, ocorreu, de 1702 a 1705, um levante de camponeses, que começou por causa da perseguição a protestantes e assumiu mais tarde um caráter fortemente antifeudal. (N. do ed. al.)

² Durante a Grande Revolução Francesa, monarquistas organizaram na província Vendée, em 1793, um levante contra-revolucionário que foi sufocado pelas tropas republicanas (os "azuis"). (N. do ed. al.)

³ Na França, chefe do corpo municipal, administrador do Conselho e subordinado ao "prefeito", funcionário nomeado e chefe do "Departamento". (N.T.)

condições que constituem a maternidade dessa religião camponesa. A burguesia precisa, no entanto, temer a burrice das massas enquanto elas permanecem conservadoras, e a consciência das massas assim que elas se tornam revolucionárias. Nos levantes depois do coup d'état, uma parte dos camponeses franceses protestava, de armas na mão, contra o seu próprio voto de 10 de dezembro de 1848. A escola de 1848 tinha-os deixado espertos. Por conta própria tinham se vendido ao submundo; a História pegou-os pela palavra e a maioria estava de tal modo atrapalhada que, exatamente nos departamentos mais vermelhos, a população camponesa votou abertamente a favor de Bonaparte. Em sua visão, a Assembléia Nacional tinha-o impedido de caminhar. Agora ele teria apenas quebrado as cadeias que as cidades haviam imposto à vontade do campo. Aqui e acolá eles se enganavam até com a grotesca concepção: ao lado de um Napoleão, uma convenção.

Depois que a primeira revolução tinha transformado os semi-servos camponeses em livres proprietários de terras, Napoleão consolidou e regulamentou as condições sob as quais eles podiam, sem serem perturbados, explorar o solo da França que há pouco lhes coubera e saciar a sua ânsia juvenil de propriedade. Mas aquilo em que o camponês francês agora afunda é a sua própria parcela de terra, a divisão do chão e solo, a forma de propriedade que Napoleão consolidou na França. São exatamente as condições materiais que fizeram do servo feudal francês o pequeno camponês e, de Napoleão, imperador. Duas gerações bastaram para acarretar o inevitável resultado: piora progressiva da agricultura, endividamento progressivo do agricultor. A forma "napoleônica" de propriedade, que, no começo do século XIX, era a condição para a libertação e o enriquecimento da população rural francesa, evoluiu, no decorrer do século, para a lei de sua escravidão e de seu pauperismo. É exatamente esta lei é a primeira das "idées napoléoniennes"⁴ ["idéias napoleônicas"] que o segundo Napoleão tem de afirmar. Se ele ainda compartilha com os camponeses a ilusão de procurar a causa de sua ruína não na própria pequena propriedade rural, mas fora, na influência de circunstâncias secundárias, suas experiências vão rebentar como bolhas de sabão nas relações de produção.

O desenvolvimento econômico do minifúndio modificou radicalmente a relação dos camponeses com as demais classes sociais. Sob Napoleão, a parcelização do chão e solo na zona rural suplementava a livre-concorrência e o começo da grande indústria nas cidades. A classe camponesa era o protesto onipresente contra a aristocracia recém-derrubada. As raízes que a pequena propriedade lançou em chão e solo francês privaram o feudalismo de qualquer material de subsistência. Seus

⁴ Referência ao livro de Luís Bonaparte, *Des idées napoléoniennes*, que apareceu em Paris em 1839. (N. do ed. al.)

marcos delimitadores formavam as fortificações naturais da burguesia contra qualquer ataque de surpresa de seus antigos senhores. Mas, no decorrer do século XIX, entrou, no lugar do senhor feudal, o usurário urbano; no lugar da obrigação feudal do solo, a hipoteca; no lugar da propriedade territorial aristocrática, o capital burguês. A pequena propriedade do camponês só é ainda o pretexto que permite ao capitalista retirar da agricultura lucros, juros e renda, e deixar o próprio agricultor ver como ainda consegue arrancar a remuneração do seu trabalho. A dívida hipotecária que pesa sobre o solo francês impõe ao campesinato francês um juro tão elevado quanto o juro anual de toda a dívida nacional britânica. A pequena propriedade, nessa escravidão ao capital a que seu desenvolvimento inevitavelmente conduz, transformou a massa da nação francesa em trogloditas. Dezesseis milhões de camponeses (incluindo mulheres e crianças) residem em tocas, das quais a maioria tem apenas uma abertura, outras têm apenas duas e a melhor apenas três aberturas. As janelas são para uma casa o que os cinco sentidos são para a cabeça. A ordem burguesa, que no início do século colocou o Estado como sentinela diante da recém-criada pequena propriedade rural e a estrumou com louros, tornou-se um vampiro que lhe suga o sangue e os miolos e a joga no caldeirão alquímico do capital. O Code Napoléon [Código Napoleônico] só é ainda o código da execução, da hasta pública e do leilão obrigatório. Aos quatro milhões (inclusive crianças, etc.) de pobres, vagabundos, criminosos e prostitutas oficiais com que conta a França, acrescentam-se cinco milhões que pairam à margem da existência e que vivem no próprio campo ou que desertam continuamente, com seus trapos e suas crianças, do campo para as cidades ou das cidades para o campo. Portanto, o interesse dos camponeses não se encontra mais, como sob Napoleão, em consonância, mas em antítese com os interesses da burguesia, com o capital. Eles encontram, por conseguinte, o seu aliado natural e condutor no *proletariado urbano*, cuja tarefa é a derrubada da ordem burguesa. Mas o *governo forte e absoluto* — e esta é a segunda "idée napoléonienne" ["idéia napoleônica"] que o segundo Napoleão tem de cumprir — é chamado a defender pela força essa ordem "material". Essa "ordre matériel" [ordem material] também serve, em todas as proclamações de Bonaparte, de mote contra os camponeses rebeldes.

Além da hipoteca que o capital lhe impõe, a pequena propriedade está sobrecarregada pelo *imposto*. O imposto é a fonte de vida da burocracia, do exército, dos padres e da corte, em suma, de todo o aparelho do poder executivo. Governo forte e forte tributação são idênticos. Por sua própria natureza, a pequena propriedade agrícola é própria para ser a base de uma burocracia todo-poderosa e inumerável. Cria um nível uniforme de relações e de pessoas sobre toda a superfície do país. Também permite, portanto, a atuação uniforme, em todos os pontos, dessa massa uniforme, a partir de um centro supremo. Aniquila as

gradações aristocráticas intermediárias entre a massa do povo e o poder do Estado. Conclama, portanto, de todos os lados, a ingerência direta desse poder do Estado e a inserção de seus órgãos imediatos. Cria, finalmente, um excesso de população desocupada, que não encontra lugar nem no campo nem nas cidades e, por isso, procura arranjar empregos no governo como uma espécie de esmola respeitável e provoca a criação de empregos governamentais. Napoleão retribuiu com juros o imposto compulsório aos novos mercados que ele abriu com a baioneta ao pilhar o continente. O imposto foi um agulhão para a industriabilidade dos camponeses, enquanto agora rouba as últimas fontes de recursos à sua indústria; completa a sua incapacidade de resistir ao pauperismo. E uma enorme burocracia, bem engalanada e bem alimentada, é a "idéie napoléonienne" ["idéia napoleônica"] predileta do segundo Napoleão. Como poderia deixar de ser assim, já que, ao lado das verdadeiras classes da sociedade, ele é obrigado a fabricar uma casta artificial, para a qual a manutenção do seu regime se torna uma questão de garfo e faca? Uma de suas primeiras operações financeiras foi, por isso, a elevação dos salários dos funcionários ao nível antigo e a criação de novas sinecuras.

Outra "idéie napoléonienne" ["idéia napoleônica"] é o domínio dos *padres* como meio de governo. Mas se a recém-criada pequena propriedade rural, em sua harmonia com a sociedade, em sua dependência para com as forças da natureza e sua submissão à autoridade que a protegia do alto, era naturalmente religiosa, torna-se naturalmente irreligiosa a pequena propriedade rural rebentada de dívidas, em divergência com a sociedade e a autoridade, impelida para além de sua própria limitação. O céu era um adendo bem agradável à estreita faixa de terra recém-conseguida, especialmente porque ele faz o tempo; ele se torna um insulto assim que se tenta fazer dele um substituto da pequena propriedade rural. O padrezinho aparece então apenas ainda como o ungido cão rastreador da polícia terrena — outra "idéie napoléonienne". Na próxima vez, a expedição contra Roma terá lugar na própria França, mas em sentido oposto ao do Sr. de Montalembert.

O ponto culminante das "idéies napoléoniennes" ["idéias napoleônicas"] é, finalmente, a preponderância do *Exército*. O Exército era o *point d'honneur* [ponto de honra] dos pequenos camponeses, eles mesmos transformados em heróis, defendendo a nova propriedade no exterior, divinizando a recém-conquistada nacionalidade, pilhando e revolucionando o mundo. O uniforme era a sua roupagem estatal; a guerra, a sua poesia; a pequena propriedade encomprida e alargada na fantasia, a pátria; e o patriotismo, a forma ideal do senso de propriedade. Mas os inimigos, contra os quais o camponês francês tem de defender agora a sua propriedade, não são os cossacos, são os *Huissiers* [oficiais de justiça] e executores do fisco. A pequena propriedade já não está mais na assim chamada pátria, mas no livro de hipotecas. O próprio exército

já não é a flor da juventude camponesa; é a flor do pântano do lumpen-proletariado camponês. Consiste em grande parte de *Remplaçants*⁶ [substitutos], de substitutos, assim como o próprio Napoleão Segundo é apenas um *remplaçant* [substituto], um suplente de Napoleão. Seus feitos heróicos são praticados agora nas caçadas e perseguições organizadas contra os camponeses, como se estes fossem cervos, em serviço de gendarme; e se as contradições internas de seu sistema correrem com o chefe da Sociedade de 10 de Dezembro para além da fronteira francesa, ele, após as suas estrepolias de bandido, não há de colher louros, mas varadas.

Vê-se: *todas as "idéies napoléoniennes" ["idéias napoleônicas"] são idéias da pequena propriedade rural não desenvolvida, incipiente, são um contra-senso para a pequena propriedade rural sobrevivente. São apenas as alucinações de sua agonia, palavras que se transformam em palavreado, espíritos que se metamorfoseiam em fantasmas. Mas a paródia do imperialismo era necessária para libertar a massa da nação francesa do peso da tradição e depurar a antítese entre o poder do Estado e a sociedade. Com a ruína progressiva da pequena propriedade rural, desmorona-se o edifício do Estado erigido sobre ela. A centralização estatal, de que a sociedade moderna necessita, só se ergue sobre as ruínas da maquinaria militar-burocrática do governo forjada em antítese ao feudalismo.*

A situação dos camponeses franceses desvenda-nos o enigma das *eleições gerais de 20 e 21 de dezembro*, que levaram o segundo Napoleão ao Monte Sinai, não para receber leis, mas para dá-las.

A burguesia não tinha agora, evidentemente, nenhuma outra escolha senão eleger Bonaparte. Quando os puritanos, no Concílio de Constança, queixavam-se da vida dissoluta dos papas e se lamentavam quanto à necessidade da reforma dos costumes, o cardeal Pierre d'Ailly trovejou contra eles: "Só o diabo em pessoa ainda pode salvar a Igreja Católica, e vocês pedem anjos!" Assim clamava a burguesia francesa depois do *coup d'état*: só o chefe da Sociedade de 10 de Dezembro ainda pode salvar a sociedade burguesa! Só ainda o roubo, a propriedade; o perjúrio, a religião; a bastardia, a família; a desordem, a ordem!

Bonaparte, como a força independizada do Poder Executivo, considera sua tarefa garantir a "ordem burguesa". Mas a força dessa ordem burguesa é a classe média. Ele se afirma, portanto, como representante da classe média e baixa decretos nesse sentido. Ele só é, no entanto, alguma coisa porque quebrou o poderio político dessa classe média e a cada dia o quebra novamente. Ele se afirma, portanto, como adversário do poderio político e literário da classe média. Mas, ao proteger o poder material dela, gera novamente o seu poderio político. A causa

⁶ Substitutos, aqueles que substituíam os jovens recrutados para o exército. (N.T.)

deve, portanto, ser mantida viva, mas o efeito, onde se apresenta, deve ser eliminado do mundo. Mas isso não pode ocorrer sem pequenas confusões entre causa e efeito, já que, na interação, ambos perdem os seus marcos diferenciais. Novos decretos, que apagam a linha fronteira. Bonaparte se afirma simultaneamente contra a burguesia como o representante dos camponeses e do povo em geral que, dentro da sociedade burguesa, quer fazer a felicidade das classes populares mais baixas. Novos decretos que espoliam, de antemão, os "verdadeiros socialistas"⁶ de sua sapiência governamental. Mas Bonaparte se afirma sobretudo como chefe da Sociedade de 10 de Dezembro, como representante do lumpen-proletariado, ao qual pertencem ele mesmo, a sua entourage [companhia], seu governo e seu exército, e para quem se trata sobretudo de cuidar muito bem de si mesmo e tirar loterias californianas do tesouro do Estado. E ele se confirma como chefe da Sociedade de 10 de Dezembro com decretos, sem decretos e apesar dos decretos.

Essas tarefas hipercontraditórias do Homem esclarecem as contradições de seu governo, o tatear pouco claro para lá e para cá, que ora procura conquistar esta classe, ora aquela, ora procura humilhá-la, e regularmente irrita todas contra si, e cuja insegurança prática constitui um contraste cômico em relação ao estilo autoritário e categórico dos atos governamentais copiados fielmente do tio.

Indústria e comércio, portanto os negócios da classe média, devem florescer como numa estufa, sob o governo forte. Inúmeras concessões ferroviárias. Mas o lumpen-proletariado bonapartista deve enriquecer. Triptage [trapaça] na bolsa com as concessões ferroviárias para os já iniciados. Mas não aparece capital para as ferrovias. Mas o banco tem de ser, simultaneamente, explorado pessoalmente e, portanto, bajulado. Desobrigação do banco em publicar semanalmente o seu relatório. Contrato leonino⁷ do banco com o governo. Trabalho para o povo. Ordenadas obras públicas. Mas as obras públicas elevam os encargos do povo com impostos. Portanto, redução dos impostos através do ataque aos que vivem de rendas, através da conversão das rendas de cinco por cento para quatro e meio por cento. Mas a camada média tem de

⁶ Refere-se ao "Verdadeiro" Socialismo, uma corrente pequeno-burguesa, reacionária político-objetivamente, que se cristalizou na Alemanha de 1845 a 1847 e cujos representantes mais significativos eram Karl Grün e Moses Hess. Os "verdadeiros" socialistas procuravam camuflar as contradições objetivas e irreconciliáveis de classe e a luta revolucionária de classe, ao colocarem, no lugar da visão científica dos processos sociais, o seu palavreado utópico de "humanidade universal" e "amor". Os "verdadeiros" socialistas, que assumiam uma posição tipicamente pequeno-burguesa nacionalista, temiam a controvérsia ideológico-partidária e inibiam a constituição do primeiro partido revolucionário da classe trabalhadora. (N. do ed. al.)

⁷ Refere-se a, numa fábula de Esopo, um contrato ditado por um leão, pelo qual um participante obtém todas as vantagens e o outro tem todas as desvantagens. (N. do ed. al.)

receber novamente alguma douceur [doçura]. Portanto, duplicação do imposto sobre o vinho para o povo que o compra en détail [a varejo] e redução, pela metade, para a camada média que o bebe en gros [por atacado]. Dissolução das verdadeiras associações de trabalhadores, mas promessa de futuros milagres de associação. Aos camponeses, tem de ser ajudado. Bancos de hipotecas, que aceleram o endividamento deles e a concentração da propriedade. Mas esses bancos devem ser usados para tirar dinheiro dos bens confiscados à Casa de Orléans. Nenhum capitalista quer concordar com essa condição que não consta no decreto, e o banco de hipotecas permanece um mero decreto, etc., etc.

Bonaparte gostaria de aparecer como o benfeitor patriarcal de todas as classes. Mas ele não pode dar a nenhuma sem tirar das outras. Como se dizia, no tempo da Fronde⁸, do Duque de Guise, de que ele seria o homem mais obligeant [prestativo] da França porque convertera todos os seus bens em obrigações de seus partidários para com ele, assim também Bonaparte gostaria de ser o homem mais obligeant da França, transformando todo trabalho da França em uma obrigação pessoal para com ele. Ele gostaria de roubar toda a França para poder presentear tudo à França, ou melhor, para poder comprar novamente a França com dinheiro francês, pois, como chefe da Sociedade de 10 de Dezembro, ele precisa comprar o que lhe deve pertencer. E em instituto de compra tornam-se todas as instituições do Estado, o Senado, o Conselho de Estado, o Corpo Legislativo, a Legião de Honra, as medalhas de soldados, as casas de banhos, os prédios públicos, as ferrovias, o état-major [estado-maior] da Guarda Nacional sem guardas, os bens confiscados da Casa de Orléans. Em meio de compra se transforma cada vaga no Exército e na máquina do governo. Mas o mais importante, nesse processo em que a França é tomada para ser-lhe devolvida, são as percentagens que recaem, durante a transação, para o cabeça e os membros da Sociedade de 10 de Dezembro. A piada com que a condessa L., a amante do Senhor de Morny, caracterizou o confisco dos bens orleânicos: "C'est le premier vol de l'aigle" ["É o primeiro vôo/roubo da águia"], serve para cada vôo dessa águia que é mais um corvo. Ele mesmo e seus adeptos gritam diariamente uns aos outros, como aquele cartuxo italiano ao avarento que, com ostentação, contava os bens, nos quais ele ainda poderia mastigar por muitos anos: "Tu fai conto sopra i beni, bisogna prima far il conto sopra gli anni" ["Tu fazes a conta sobre os bens, seria preciso fazer primeiro a conta sobre os anos"]. Para não errar a conta nos anos, contam por minutos. Na corte, nos ministérios, no topo da administração e do Exército, entra um monte de sujeitinhos, dos quais o melhor que se pode dizer é que não se sabe de onde eles vêm, uma boêmia barulhenta,

⁸ A Fronde foi um movimento oposicionista aristocrático-burguês que existiu de 1648 a 1653 contra o absolutismo na França. (N. do ed. al.)

suspeita, rapace, que se enfia em roupagens engalanadas com a mesma dignidade grotesca dos altos dignitários de Soulouque. Pode-se visualizar essa camada alta da Sociedade de 10 de Dezembro quando se considera que *Véron-Crevel*⁹ é seu moralista e *Granier de Cassagnac* o seu pensador. Quando Guizot, na época de seu ministério, usou desse Granier num jornaleco contra a oposição dinástica, costumava elogiá-lo com essa tirada: "C'est le roi des drôles", "é o rei dos palhaços". Seria injusto lembrar a Regência¹⁰ ou Luís XIV com a corte e a camarilha de Luís Bonaparte. Pois "a França já vivenciou várias vezes um governo de favoritas, mas ainda nunca um governo de hommes entretenus"¹¹ [homens teúdos e manteúdos].

Impelido pelas exigências contraditórias de sua situação, estando ao mesmo tempo, como um mágico, ante a necessidade de manter, através de surpresas constantes, os olhos do público fixados sobre si mesmo como substituto de Napoleão, tendo, portanto, de executar a cada dia um golpe de Estado em miniature [em miniatura], Bonaparte leva toda a economia burguesa a uma confusão única, toca em tudo o que parecia intocável à Revolução de 1848, faz com que alguns se tornem pacientes com a Revolução, outros sequiosos de revolução e cria a própria anarquia em nome da ordem, enquanto, ao mesmo tempo, arranca de toda a máquina do Estado o halo de santidade, profana-a, torna-a simultaneamente nojenta e ridícula. O culto do Manto Sagrado de Trier¹², ele o retoma em Paris no culto do manto imperial napoleônico. Mas quando finalmente o manto imperial recair sobre os ombros de Luís Bonaparte, a estátua de bronze de Napoleão há de cair do topo da Coluna Vendôme¹³.

⁹ Balzac, na *Cousine Bette*, representa em Crevel, que ele esboçou segundo o Dr. Véron, o proprietário do *Constitutionnel*, o filisteu parisiense mais imoral. (N. de Marx.)

¹⁰ Durante a minoridade de Luís XV, Filipe de Orléans foi regente de 1715 a 1723. (N. do ed. al.)

¹¹ Palavras da Sr.^a Girardin. (N. de Marx.)

¹² Esse manto era exibido na catedral de Trier pelo clero reacionário. (N.T.)

¹³ A Coluna Vendôme, com uma estátua de Napoleão, foi erigida na Praça Vendôme para recordar a vitória de 1805. Em 1863, Napoleão III ordenou que a estátua de Napoleão I, com chapéu napoleônico e capote de campanha, fosse retirada e substituída por uma estátua com toda a roupagem imperial. Em maio de 1871, por decisão da Comuna de Paris, a Coluna Vendôme foi destruída como símbolo do militarismo e do chauvinismo. (N. do ed. al.)

4. K. MARX: O QUE É A COMUNA? *

Na manhã de 18 de março de 1871, Paris foi acordada pelo trovejar: "Viva a Comuna!" O que é a Comuna, essa esfinge que coloca o entendimento burguês ante uma prova tão dura?

"Os proletários de Paris", dizia o Comitê Central em seu manifesto de 18 de março, "em meio às derrotas e à traição das classes dominantes, compreenderam que souu a hora em que eles precisam salvar a situação, tomando em suas próprias mãos a direção das coisas públicas... Compreenderam que é seu dever maior e seu direito absoluto fazerem-se senhores de sua própria história e tomarem o poder governamental."¹

Mas a classe trabalhadora não pode simplesmente tomar posse da máquina do Estado pronta e fazê-la rodar para os seus próprios propósitos.

O poder estatal centralizado, com seus órgãos onipresentes — exército permanente, polícia, burocracia, clero, magistratura, órgãos mantidos segundo o plano de uma divisão sistemática e hierárquica de trabalho — origina-se dos tempos da monarquia absoluta, quando serviu à sociedade burguesa emergente como uma arma poderosa em suas lutas contra o feudalismo. Entretanto, seu desenvolvimento permaneceu

* Reproduzido de MARX, K. *Der Bürgerkrieg in Frankreich. Adresse des Generalrats der Internationalen Arbeiterassoziation (A guerra civil na França. Manifesto do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores)*. In: MARX, K. e ENGELS, F. *Ausgewählte Werke*. 8. ed. Berlim, Dietz Verlag, 1979. v. IV, cap. III, p. 70-88. Traduzido por Flávio R. Kothe.

¹ *Journal Officiel de la République française [Jornal Oficial da República Francesa]*, Paris, 21 de março de 1871. (N. do ed. al.)